

PACAEMBU - UMA NOITE INESQUECÍVEL

por Nilton Monteiro da Silva – São Paulo

Bons tempos, do SAM-Norte e Ponte Pequena, como desportista nato e um dos fundadores do Grêmio Ponte Pequena, Corinthiano preto e branco (não roxo), doente e, além de tudo, um ótimo profissional na Sabesp, após o horário de expediente nos reuníamos no Grêmio Ponte Pequena para aquela descontração, comentar o dia, beber umas cervejas. Era a nossa rotina após o exaustivo dia de trabalho.

Porém em dia de jogo do Corinthians era diferente, esperávamos ansiosamente a hora do jogo ou para assistir no grêmio com os outros torcedores alucinados ou então partíamos para o Pacaembu, ou seja, a segunda casa do timão.

Esse fato aconteceu justamente num jogo entre Corinthians e Flamengo, no Pacaembu, não me lembro do ano, nem o torneio que estava sendo disputado (mais adiante vocês vão ficar sabendo o porquê desse esquecimento). Combinei com os amigos para prestigiarmos o nosso grande time, porém na hora marcada só eu e o meu querido e saudoso amigo, Idomar Pereira Garcia, o Vitrolinha, a quem queria humildemente homenagear com essa pequena lembrança.

A dupla de fervorosos admiradores do timão partiu para o Pacaembu, numa quarta-feira, inesquecível, noite agradável, pois era um jogo eliminatório, se o timão vencesse estaria classificado para outra fase da competição. O time não estava tão bem assim, mas tínhamos muita fé e, afinal de contas, era um clássico, não era toda hora que podíamos ver o timão bater no Flamengo “e se classificar.

Com os ingressos na mão, chegamos ao estádio. Porém tínhamos um ritual, toda vez que assistíamos ao jogo lá, tínhamos de parar na popular barraca da Kátia e tomar umas cervejas, dava sorte. Ritual cumprido, pegamos os ingressos e fomos para a nossa noite antológica. Dirigimos-nos às arquibancadas, no meio do campo, era a nossa praia, acostumados com estádio lotado, o ‘Coringão’ vinha com uma campanha até que razoável, mas para nós, alucinados pelo time, aquele escrete era o melhor time do mundo. Enfim, os dois times de maior torcida do país entraram em campo, mais um ritual de mãos dadas eu e o saudoso Vitrolinha nós benzemos.

Começa, então, a peleja, o Corinthians, estava irreconhecível em campo, ninguém se encontrava, sem esquema tático, em resumo com 40 minutos do primeiro tempo o jogo já estava 4x0 para o Flamengo. O Pacaembu parecia uma bomba prestes a ser detonada, só faltava alguém para apertar o botão e esse alguém estava ali ao meu lado. O Vitrolinha não passou vontade e começou a xingar todo mundo. Foi nesse momento que as coisas começaram a complicar e a noite seria inesquecível.

Vitrolinha, que considerava como um irmão, não deixou por menos, virou para toda aquela galera inflamada – Gaviões, Camisa 12, Pavilhão, etc... e começou a gritar: “Vamos invadir, Vamos invadir e quebrar tudo, Vamos invadir !!!!!”. Eu comecei a ficar preocupado, me volvei para o campo e a confusão estava armada. Já tinha alguns torcedores tentando a invasão, a polícia foi acionada e, para complicar ainda mais, o nosso guapo (goleiro) “Jairão”, aproveitando a confusão incitava ainda mais a torcida, gesticulando com o braço, dando a entender que era para o povão invadir o campo. Eu pensei, “isso não vai acabar bem”. Virei-me para o Vitrolinha e só conseguir ver aquela cabecinha avantajada e, por sinal, meio chata se deslocando no meio do tumulto, seguindo aquela onda para a invasão do campo.

Gritei para o Vitrolinha; “Você tá ficando louco, vamos embora”, mas, no fundo, eu só escutava ele gritar: Vamos invadir!!!! Vamos invadir!!!! Não demorou nem um instante e o alambrado do lado da arquibancada já era e o povão, os manos, entrou em campo, literalmente começou ali uma batalha, a maior correria da PM atrás dos corinthianos, aí esses se juntavam há outros corinthianos e aí se invertia o papel a torcida. Agora, em maior número, eram eles que corriam atrás das PM.

Nessa altura, a classificação já era. Eu permanecia na arquibancada tentando sair do estádio por uma, duas ou três vezes. Toda tentativa acabava em correria. Depois de muito tempo e de muito subir e descer as arquibancadas na correria, com as graças de Deus, consegui sair. Estava preocupado com o Vitrolinha, que tinha sumido no tumulto. Resolvi, então, espera-lo em um local bem sossegado e cumprir o terceiro ritual, tomar a saideira na barraca da Kátia. Aproveitaria para esperar o amigo Vitrolinha. A Kátia comentou que dentro do estádio era uma verdadeira batalha campal, bombas de gás lacrimogêneo, porrada para lá e para cá, a maior correria e, também, fora do estádio a confusão se alastrou, de repente uma bomba de gás caiu bem ao meu lado. Resolvi me afastar mais, peguei uma latinha de tchau para a Kátia e segui para mais próximo da avenida Pacaembu, bem mais distante da confusão e pensei “estou muito velho para esse tipo de coisa”.

Pedi para a Katia avisar o Vitrola que estaria esperando ele na escada perto do jornaleiro. Chegando à escadaria, com minha lata de cerveja, ascendi meu cigarro e, de longe, assistia todo aquele tumulto. Aquela maravilhosa noite se transformou em uma noite de guerra. De onde estava ouvia as bombas, gritaria, o maior tumulto, pensei novamente “aqui estou a salvo e tranquilo”. Observei, ao longe, uma cena até que engraçada. Uns ‘neguitinhos’, uma molecada rápida fugindo da polícia, eram mais ou menos uns cinco moleques sarados, canelinha fina, fugindo e tirando o maior barato de meia dúzia de PMs. Aqueles guardas saradões, o barrigão escapando para fora da calça, correndo bufando atrás da molecada, com os cassetetes na mão, totalmente despreparados fisicamente e a molecada dava volta nos guardas. Eu assistia aquela cena até cômica, pensando ... “sabe quando esses guardas vão pegar essa molecada, nunca”.

Mas um fato mudou o rumo da história, acredito que os guardas que estavam atrás da molecada pediram reforço, pois não aguentavam mais, os PM.s lembravam muito o físico do Sargento Garcia do Zorro. Eu estava bem longe e percebi que os garotos começaram a correr em minha direção, eu sentado na escada, acabando com o meu cigarro, pensei, fico na minha e a molecada vai passar na maior velocidade e os guardas vão ficar na saudade, não deu outra a garotada passou por mim, abri caminho e os guardas quase morrendo, correndo e as barrigas só faziam o barulho, pof! pof! pof! pof! Já não aguentando mais desistiram dos moleques bem na minha frente, me veio um rápido lapso na memória será que alguém vai ter que pagar o pato por essa correria toda? E se esse alguém era esse cidadão pacato, que detesta tumultos, brigas e conflitos, que, simplesmente, estava no local errado, na hora errada. Parece que os guardas barrigudos do pof! pof!, tiveram o mesmo pensamento e num rápido momento de frente para mim me encararam, eu não tive dúvida, levantei os braços e disse alto e em um bom tom de voz: “Amigos eu sou de paz, senhor quase aposentado, estava assistindo esse jogo horrível, estou aqui esperando um amigo do trabalho”.

Não adiantou nada foi como se eu tivesse xingado a mãe de todos eles, Que paz que nada gritou um gordinho bufando, vamos descer a porrada, era borrachada para todo lado. Eles não tiveram dó, porrada daqui, porrada dali, nem deu tempo para levantar e tentar correr. Qualquer manifestação minha era mais porrada. Fiquei parecendo uma zebra, ou um torcedor do Botafogo de tantas listras nas costas, nas costelas. – Oh!! Noite inesquecível.

Fiquei revoltado com o acontecido, queria me manifestar, indignado com a minha situação voltei para a frente do estádio transtornado, querendo agora descontar de alguma forma, e nada do meu amigo Vitrola, fui parado.

Então pelo repórter Roberto Tomé da Globo, que fazia a cobertura do jogo ou daquela batalha, me aproximei dele e contei a história e ele me disse o senhor não foi o único a ser espancado por eles. Tem muita gente na mesma situação. Mais calmo, voltei para a barraca da Kátia, onde lá encontrei meu amigo Vitrola, já tomando a sua terceira cerveja e preocupado comigo e me falou: "Manivela onde você estava? Você sumiu, pra mim a noite foi muito boa, entrei no campo, dei porrada pra cacete, descontei a bronca da derrota do jogo e você? – Quando mostrei minhas costas, ele deu a maior gargalhada. Putz...você está parecendo uma Zebra!!! Grande Vitrolinha deixou saudades, dessa noite inesquecível e é, por isso, que não me lembro do torneio, e nem do ano, depois de tanto apanhar, preferi esquecer esse episódio.